

Menções Honrosas

**"Podia desbloquear a máquina, por favor?, Obrigada."**

Três euros e setenta. Marlboro vermelho. Um maço. Da marca que tu fumas. Baixo-me para apanhar o tabaco. Introduzo mais vinte e cinco cêntimos. Baixo-me para apanhar os fósforos. Retiro a película de plástico, que envolve o maço, lentamente. Não o faço com destreza. \(\(Normalmente, não fumo.)

Depois pouso o maço aberto em cima de um balcão de madeira e risco um fósforo. Não acende à primeira, nem à segunda, mas à terceira eu levo a melhor e faz-se lume. Junto a ponta do cigarro ao lume e queimo-a. Tenho a cabeça baixa e pesada. O cigarro está agora aceso.

Levo o cigarro à boca, procurando-te. O primeiro trago sabe-me de facto a ti, à tua boca, quando acabas de fumar a última passa e encostas os teus lábios aos meus, ainda quentes e enevoados.

Demoro o cigarro na mão. Deixo-o queimar, por entre os dedos. Levo o cigarro à boca, tentando encontrar-te novamente; busco esse breve instante de inconsciência em que, por uma fracção de segundos, o cheiro do tabaco me recorda a tua boca - a tua boca, nos momentos em que menos gosto da tua boca, mas ainda assim, a tua boca -, e estou outra vez contigo.

Demoro o fumo na minha boca, no meu corpo. Olho para o maço aberto, pousado em cima do balcão de madeira e leio: "Fumar pode provocar uma morte lenta e dolorosa". Olho para o chão, inclino-me sobre mim e a mão que segura o cigarro treme. Dou-me conta do triste que sou, buscando-te num cigarro, aceso à meia-luz, numa noite fria e escura, em Sintra. Olho para a minha mão, onde o cigarro não pára de arder. Por momentos, apetece-me atirá-lo ao chão e pisá-lo; exterminá-lo, debaixo do meu pé.

Mas no momento em que o fizer, sei que não me restará já nada de ti, nesta noite fria e escura. Penso nisso e deprimos-me. Poucas vezes me senti tão só. Tenho frio. E tremo.

Pego nas minhas coisas e saio do café. Cá fora está ainda mais frio. Levo o cigarro à boca e trago com força. Onde estás tu? Não te encontro. Volto a levar o cigarro à boca e busco-te aí mais uma vez. E mais uma vez, já não estás. Engasgo-me e tusso. Tenho a cabeça baixa e tremo. O cigarro ainda está aceso.

Ouço uma voz, ao meu lado. Pergunta-me: O que é que te fizeram?. Depois, acerca-se, retira-me o cigarro das mãos e apaga-o com um pé. Envolve-me com um braço e conduz-me para o carro; para longe dali.

De ti, fica apenas o cheiro que tenho nas mãos, de perfume com nicotina. E nada mais.

**Ana Rita da Silva Freitas Rocha**